Ano 28.º | Sábado, 17 de Agosto de 1935 | N.º 1384

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agencia Havas

PELA PAZ SOCIAL

Aborda um dos problemas essenciais da hora presente a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho que acaba de ser criada sob o alto patrocínio do Estado e que se propõe desenvolver uma acção tendente à elevação do nível físico, intelectual e moral das classes trabalhadoras.

Não póde ser esta iniciativa indiferente a ninguém que tenha a justa compreensão do interêsse bem entendido de todas as classes na harmonia social, como o não será a todos aquêles que tenham a noção exacta dos deveres de solidariedade humana que ligam ricos e pobres e obrigam os mais favorecidos da fortuna a contribuírem para a alegria dos que a sorte menos protege.

Não póde haver paz social onde aos trabalhadores falta o bem-estar do corpo e da alma.

O individualismo económico do sistema liberal, conduzindo aos salários de miséria, não podia deixar de criar um espírito de revolta que os doutrinários e os propagandistas de todos os extremismos exploraram habilmente.

As condições materiais dos trabalhadores, a sua incerteza do dia seguinte, a insuficiência da remuneração que não garantia o pão quotidiano, a falta do elemento de correcção duma vida familiar na casa que a mulher desamparava pela fábrica, tudo concorria para entregar as massas proletárias aos exploradores do seu descontentamento.

E, por outro lado, ninguém cuidava de lutar contra o fermento deletério, pensando um pouco em defender-lhes o espírito contra o assalto das doutrinas de subversão social.

Defeza, ao menos, de inteligência, já que o materialismo que foi moda no século XIX demolira nas almas da gente simples da cidade o prestígio das regras morais e do seu imperativo religioso.

Não se pense que as fórmulas duma nova organização política, económica e social possam operar milagres, se lhes faltar da parte de todos a larga compreensão que as vivifique e anime.

O novo equilíbrio económico há-de resultar da organização corporativa e do novo sistema de relações que ela estabelece entre o capital e o trabalho. Mas a organização corporativa há-de ser fundamentalmente obra do esfôrço dos interessados.

Nêste como noutros aspectos, o que é preciso é criar a mentalidade nova que efective a grande revolução nacional de que há-de saír um equilíbrio das classes que contenha mais justiça e mais humanidade que o regime burguês.

Tem de se desenvolver um grande esfôrço de reeducação das classes trabalhadoras.

Há que arrancá-las à tristeza passiva dum viver inferior e vegetante, para as fazer partilhar dos benefícios da civilização.

Tem de se cuidar das qualidades físicas da raça, encaminhando os que trabalham para a cultura do corpo e para as competições desportivas.

Tem de se lhes ensinar o gôsto de beleza artística e de se lhes despertar nas almas o interêsse pelo conhecimento.

É preciso criar para os que não atingiram uma instrução superior a leitura educativa, que recreie e ensine, para se acabar com o monopólio estúpido dos romances de capa vermelha, em que se prèga a insurreição marxista e que são hoje em dia os únicos livros acessíveis aos trabalhadores.

É necessário acabar de vez com essa baixa literatura que anda por aí de mão em mão.

É preciso...

É preciso desenvolver uma acção multiforme para que se consiga elevar o nível físico, intelectual e moral dos trabalhadores.

Dessa elevação depende a edificação da paz social.

NA RIA

—o—

Começou esta semana a sua faina no canal da Cochina a *Draga Dr. Oliveira Salazar*, cujo apetrechamento, que é dos mais modernos, lhe permite trabalho perfeito e rápido.

Como já tivémos ocasião de dizer, o canal da Cochina fica situado entre as Duas Aguas e o ancoradouro da Gafanha, devendo ser por êle que os navíos da frota bacalhoeira irão despejar o carregamento junto das respectivas sécas.

Magnífico.

14 de Agosto

=o=

A batalha de Aljubarrota, cujo aniversário passou na quarta-feira, foi êste ano comemorada em todo o país, sendo lida nas freguesias a exortação do eminente chefe do govêrno que adiante publicamos.

É que o significado dêsse inolvidável acontecimento histórico precisava, realmente, de ser conhecido pelo maior número de portugueses.

Ano agrícola

—o—

Deve ser farto, abundante, rico o presente ano agrícola.

Na Gafanha já se procede á colheita do milho e a do feijão está a terminar. Da batata nem se fala: excedeu tudo quanto imaginar se possa.

Valha-nos, ao menos, isso, para regalo dos pobres, que também têm direito à vida.

Vêr a 4.ª página

Rua Coímbra

—o—

Sem dúvida é esta artéria uma das principais e mais concorridas por ficar mesmo no centro da cidade, ponto de passagem obrigado e onde, portanto, ficaria bem um *bureau* de informação para o turismo. Já um dia apresentámos a ideia de ali ser estabelecido e hoje voltámos a insistir por entendermos que aquelas ruínas do sub-solo da Praça da República precisam de desaparecer, dando lugar a qualquer coisa que reúna o útil ao agradável. Um *bureau*, no sítio indicado, era, pois, de largo alcance e ótimo efeito. Pense nisso a Comissão de Turismo. A sério. E sem delongas para vêr se se resolve o problema, que tanto tem custado, da transformação dessa vergonha cuja permanência não se coaduna com o nosso brio de aveirenses.

Fazem-se coisas tão lindas, lá fóra, para mostrar aos visitantes...

Acidentes de viação

—o—

Pela Direcção Geral dos Serviços de Viação foi apurado que durante o mês findo, de julho, se deram no pais 268 desastres com veículos automóveis assim distribuídos por distritos: Aveiro, 10; Beja, 7; Braga, 6; Bragança, 3; Castelo Branco, 3; Coímbra, 2; Evora, 2; Faro, 4; Guarda, 2; Leiria, 11; Lisboa, 153; Portalegre, 4; Pôrto, 27; Santarém, 11; Setúbal, 13; Viana do Castelo, 2; Vila Real, 4 e Viseu, 4.

De todos êstes acidentes resultaram 33 mortos e 188 feridos.

Não tenham cautela, não...

Efemérides

17 de Agosto

1900 — Morre em Paris o notável romancista Eça de Queirós.

1909 — Nos fossos do castelo de Montjuich, em Espanha, é fuzilado o primeiro condenado à morte pelo crime de rebelião.

Falta de espaço

—o—

Por êste motivo fica para o próximo número algum original que não perde a oportunidade e entre êle o das *Coisas e tal...* que trata de um assunto de interêsse palpitante para a cidade.

Desculpem, mas às vezes chegamos a arreliar por o jornal não ser elástico.

Novas farmacêuticas

—o—

Da próxima vila de Ílhavo concluiram, êste ano, o curso de Farmácia as sr.as D. Dolores Razoilo Cristiano, D. Irene Graça e D. Eduarda André Senos. As duas primeiras obtiveram a classificação de 18 valores, em Lisbôa, e a última de 16, no Pôrto.

Linda fornada!

Isto honra-nos

—o—

Na Bélgica fundou-se, há pouco, uma organização política denominada *Legião Nacional*. Esta publicou um manifesto, explicando os seus fins, o qual principia assim:

«Belga: A *Legião Nacional* convida-te a inscreveres-te nela para instaurar a Ordem Nova. Isto não é uma quimera porque a Ordem Nova existe em Portugal desde 1926.

Eis alguns resultados dum regime corporativo que acabou com as corrupções, *gachis* e taras do sistema parlamentar.»

Nesta altura descreve a obra que entre nós se tem realizado no curto prazo de nove anos, ainda incompletos, para concluír dêste modo:

«Aqui está um país renovado que se encaminha para um futuro melhor, graças ao desaparecimento dos políticos profissionais, das suas facções e partidos.»

Á vista do expôsto, fazemos ideia do que há-de ir pela Bélgica...

E êle a dar-lhe...

=o=

O *vigilante das capoeiras de Cacia*, que, de moço de padeiro, chegou a colega do *grande panfletário e eminente jornalista*, teve a *genial* ideia de lembrar à cidade a realização de umas festas, em agosto; depois transferiu-as para setembro, mas como entrevistasse o colega e êle é de opinião que se façam em maio, andou para trás. Claro que tudo isto não passa de palavriado chôcho a que ninguém, de senso, liga importância, por partir de onde parte.

O *vigilante das capoeiras de Cacia* há-de convencer-se de que não tem categoria para se imiscuír em coisas de Aveiro por todas as razões e mais esta: faltar-lhe... a *planta*.

De resto, umas festas na cidade hão-de fazer-se — retumbantes, estrondosas, com o máximo brilho — mas têm de ser em honra do Govêrno, quando fôr inaugurado o novo porto de Aveiro.

Até então parece-nos que o *vigilante das capoeiras de Cacia* não governa vida...

A não ser que resolva deitar os ovos a outra galinha...

Comemoração de Aljubarrota

Em 14 de Agosto de 1385 — há portanto 550 anos — foi travada entre portugueses e castelhanos a batalha de Aljubarrota, não muito longe do sítio onde hoje se admiram a igreja e convento da Batalha, erguidos em comemoração da vitória. A desproporção das fôrças em presença — 7.000 portugueses para mais de 30.000 inimigos — o fulminante da vitória, as pesadíssimas perdas infligidas aos castelhanos, a fuga do rei de Castela, a maneira como foi conduzida a batalha sob o aspecto puramente militar por êsse extraordinário generalíssimo, assombroso de misticismo religioso e de génio guerreiro, que se chamou D. Nuno Álvares Pereira, fazem de Aljubarrota o ponto central da longa guerra havida com Castela e a vitória mais representativa do esfôrço de nossos avós pela independência de Portugal. Esta a primeira e grande liberdade por que se bateram então.

A crise de pensamento e de consciência que na passagem da primeira para a segunda dinastia atormentou os portugueses, os perigos que afrontaram, as fomes e pestes que sofreram, as lutas em que se empenharam só para manter o direito de não serem governados por outros e vincar a aspiração de continuar o seu rumo histórico sem sujeição a rei estrangeiro, gravaram para sempre Aljubarrota no espírito da Nação e fizeram desta data a verdadeira festa da independência pátria.

Passaram sôbre o acontecimento alguns séculos que não fôram sempre de paz e concórdia na península. Novas dificuldades de sucessão no trono português trouxeram o domínio dos Filipes e contra êle as longas guerras da restauração. Sôbre estas mesmas também já passaram séculos. Era ridículo ter alimentado nos corações os rancôres nascidos das batalhas; por isso Aljubarrota, Atoleiros, Valvêrde, como três séculos mais tarde Montijo, Ameixial, a linhas de Elvas, Montes Claros são vitórias mas não já gritos de ódio, não são hoje *contra* ninguém, são *por nós mesmos*.

E parece que assim mesmo deveria ser.

Podemos orgulhar-nos de sermos na Europa o único país cujas fronteiras se podem dizer imutáveis desde há séculos; e — facto curioso! — uma vez talhada pelos primeiros reis na faixa atlântica, nem mesmo se notou nunca a preocupação de alargar na península as fronteiras da Pátria. Ia noutra direcção a fôrça expansiva da raça, o seu génio descobridor e de colonização: pelo Atlântico, pelo Índico se expandiu o povo português, descobriu as terras e os mares, abriu aos outros povos novos, caminhos e caminhos de novos mundos, levando e deixando por toda a parte o traço característico da sua dominação — o humanitarismo da sua alma latina, o apostolado da sua civilização cristã.

Por outro lado a Espanha seguiu também o seu curso, ora paralelo, ora concorrente, ergueu a sua história ao nível dos grandes heroísmos e façanhas, fez na América Central e do Sul, afóra o Brasil, poderosas nações, filhas do seu sangue e do seu catolicismo. Não precisara de nós e só contra nós não pudera nunca ter razão.

Estamos em face de um imperativo histórico, contra o qual têm lutado debalde os derrotistas, os acomodatícios, os filósofos daquém e dalém fronteiras. Êstes têm o direito de, raciocinando sôbre abstracções, classificar de êrro o que os séculos impuzeram e a nossa vontade inabalável se sente obrigada a manter.

* * *

Como sempre esta vontade não é nem tem de ser a de todos ou cada um dos portugueses, mas a que se desentranha da massa da nação. Antes e depois de Aljubarrota havia portugueses partidários do rei de Castela, e o próprio D. Nuno Álvares Pereira sentiria alanceado o coração de saber irmãos seus lutando pelo rei estrangeiro.

Em 1580, em 1640 também nos dividimos: membros do clero e da nobreza fôram vítimas da dificuldade de vêr claro em certos transes históricos, sobretudo se interêsses elevados de qualquer ordem começam pesando na balança dos juízos, e a empecer as deliberações que trazem em seu seio riscos da vida e da fortuna.

Mas os que, tendo à frente Álvaro Pais, quizeram que D. João, Mestre de Aviz, fôsse proclamado «regedor e defensor do reino»; os que seguiram D. António, Prior do Crato; os que apoiaram e fizeram valer o grito dos fidalgos conspiradores da independência, em 1640, tiraram do seu mesmo desinterêsse aquela clara visão do imperativo nacional que irresistivelmente os levou a esquecer a desproporção das fôrças e dos meios, os perigos da aventura e os benefícios que puderam usufruir de outras soluções.

Não há dúvida de que, homens de escol nas letras, na política, nas armas o guiaram para as resoluções e vitórias definitivas, mas é preciso crer, em face de tais exemplos, que o povo é pela simplicidade da sua alma e espontaneidade dos seus sentimentos, a fonte sempre viva do nosso nacionalismo.

Que importa que no presente momento histórico não seja igualmente vista por muitos a necessidade e grandeza da obra nacionalizadora em marcha, se o povo tem a intuição duma época decisiva da nossa vida e de que por êste caminho se retoma o velho rumo da história pátria!?

Eis porque se pensou que a festa de hoje deveria ter o cunho de festa popular.

* * *

Festa popular, e festa de mocidade.

Nun'Alvares tinha 23 anos quando da revolução em Lisboa e 25 em Aljubarrota; D. João I. 25 ao ser proclamado defensor do reino e 27 na segunda daquelas datas. O estado maior do Condestável eram rapazes de pouca idade, com o espírito aventuroso e irrequieto dos jovens, insofridos nas pelejas mas obedecendo cegamente ao chefe. Com êstes se fez a campanha e se assegurou a independência de Portugal.

Hoje, como então, se exige espírito novo para fazer a revolução nacional, e espírito novo é mais fácil encontrá-lo em novos que em velhos, ainda que haja velhos com mocidade de espírito, e moços gastos por interesses e preocupações que não costumam ser da sua idade. E' porém essencial que o espírito da mocidade seja por nós formado no sentido da vocação histórica de Portugal, com os exemplos de que é fecunda a história, exemplos de sacrifício, patriotismo, desinteresse, abnegação, valentia, sentimento da dignidade própria, respeito absoluto pela alheia.

Facto cheio de ensinamentos é o comemorado hoje; homens que sirvam de exemplo para a nossa formação êsses que, à volta de D. João I e do Condestável, batalharam e serviram e foram de tamanha estatura que futuros séculos de maravilhas não lhes tocaram nem os puderam deminuir. Sobretudo êsse Condestável D. Nuno depois frei Nuno de Santa Maria, guerreiro e monge, chefe de exércitos e edificador de conventos, vencedor de castelhanos e distribuindo em maus anos seus bens pelos mesmos que derrotara em batalhas para que não mandassem na sua terra, erguido por sua valentia no altar da Pátria como a Igreja o havia de erguer pelas suas virtudes nos altares da fé, cheio de honras e riquezas e enterrado em vida no Convento do Carmo, na dura estamenha de frade, quando depois de Ceuta lhe pareceu já não ser necessária a espada para defesa da Pátria, mas disposto de novo a vestir as armas se el-rei de Castela alguma vez tentasse invadir Portugal.

* * *

Por êstes motivos os sítios de Aljubarrota e a Batalha, devem ser os lugares dentre todos eleitos para as grandes peregrinações patrioticas, e eu quisera que no próximo ano ali acorressem de todos os cantos de Portagal milhares, centos de milhares dos portuguêses de hoje, sobretudo a juventude, para vivificar e robustecer ao calor dum passado heroico a sua devoção patriótica. E, visitados os campos da luta, entrariam, devotadamente na igreja do Convento da Batalha que, ao contrário da do Escurial de Filipe II, lúgubre e apropriada para as exéquias dum grande rei, é clara e triunfal, como se não fôsse feita para a oração de todos os dias, mas apénas para o solene Te-Deum das grandes e magníficas vitórias.

Nunca passo ali, mesmo apertado pela estreiteza do tempo, que não me sinta obrigado a parar, a entrar e pisando a campa rasa do guerreiro que salvou a vida do Rei de boa memoria e parece ainda guardá-lo na morte, penetrar comovido na capela do Fundador. Aí se encontram os restos mortais de D. João I e da rainha D. Filipa de Lencastre, e à roda a «ínlita geração de altos infantes»; ali repousam os que consolidaram a independência de Portugal e assentaram as bases da sua grandeza futura.

14-VIII-1935.

OLIVEIRA SALAZAR

Reünião de curso

=o=

Na aprazível praia da Costa Nova esteve reünido o curso teológico do Seminário de Coímbra, do qual fazem parte, entre outros, o reverendo Joaquim da Cruz Pericão, reitor de Sôza, e dr. Manuel Simões da Costa, há muitos anos residente em Tavira.

O banquete teve lugar na *Pensão Astória*, que satisfez, retirando todos os convivas ainda mais saüdosos pelos momentos de confraternização passados junto ao mar.

Aveiro—Caramulo

Iniciou-se uma carreira de caminhetas entre esta cidade e Paredes do Guardão, sendo o trajecto feito por a nova estrada que passa em Castanheira do Vouga e S. João do Monte, para àlém da vila de Águeda.

A partida é às 9 horas e a chegada às 21, ligando com vários comboios.

É de um grande alcance económico e turístico, esta carreira.

Êste número foi visado pela Censura

Coímbra delira!

A praia fluvial do Mondego é hoje o assunto palpitante na velha cidade universitária. Não se fala noutra coisa. Os jornais, então, enchem colunas a rèclamar o melhoramento, ao qual técem os maiores elogios.

Ainda que de longe, acompanhamos os conimbricenses no seu regosijo. E estimaremos que nenhum se afogue nas cristalinas águas do rio e todos se refresquem e se divirtam na mais dôce harmonía, dando-se as mãos como bons amigos.

Excursões

—o—

Aveiro, positivamente, é um grande centro de turismo pela preferência que lhe dão os grupos excursionistas de todo o país e até os muitos estrangeiros que vêm a Portugal.

As visitas sucedem-se, por isso, intermináveis, e, principalmente ao domingo, as ruas e praças enchem-se de gente estranha, sendo continúo o movimento de carros com passageiros quer de dia, quer de noite. Isto, é claro, afóra os que se utilizam do caminho de ferro para as suas viagens de recreio, pois ainda há quem prefira êsse meio de transporte a todos os outros — ou por comodidade, ou por economia, ou por segurança, ou por gôsto. Não discutimos.

Dos grupos que durante a semana nos visitaram devemos colocar, à cabeça, o Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coímbra, que daqui levou as melhores impressões, e depois *Os Inocentes*, da mesma cidade; *Os Refilões*, da Chamusca; *Os Peralvilhos, Ala Arriba, Os Futuristas*; *Os Sérios do Campo Pequeno*, do Pôrto; *Os Entusiastas*, de Guimarães; *Os Pardais*, de Braga; *Os Vizelenses*, de Vizela; *Os Tarecos*, de Santarém; *Os Sempre Fixe*, de Lisboa; *Os Entehdidos*, de Avintes; *Os Unidos de Tortozendo* e tantos outros de que nos foi impossível colhêr os nomes.

Ámanhã chega de Lisboa o *VII Expresso Popular* organizado pela C. P., que prolongará a viagem pela linha do Vale do Vouga até Viseu e para o dia 1 de setembro outra grande excursão da mesma cidade virá em combóio especial, tencionando os visitantes cá passar uma noite para terem tempo de visitar as obras da barra, a praia da Costa Nova, Ílhavo, Vista Alegre e outras povoações circunvizinhas.

Aveiro! Como esta terra deixaria a perder de vista todas as outras de Portugal se nela existisse gente de iniciativa capaz de aproveitar os atrativos naturais para prender os turistas de bom gôsto e dinheiro, proporcionando-lhes comodidades, passeios através o seu vastíssimo estuário, os melhores dias, enfim, de gôso, de prazer, de encantamento e alegria!

Mas, ao que parece, estamos longe disso por já se ter perdido uma bôa ocasião de possuírmos casa em condições para aquilo de que mais carecemos — um hotel pròpriamente dito.

È por aí que se deve principiar. E como a parte culta da cidade reclama êsse imprescindível melhoramento eis a razão que nos leva a falar nêle sempre que o ensejo se oferece ou para tal encontramos motivo.

As vítimas do mar

—o—

Na manhã de quarta-feira, cêrca das 8 horas, andavam pescando, ao robalo, próximo da bôca da barra, Gonçalo Acabou, sua mulher Francisca Vagueira e um filho. Este desembarcou da bateira para ir buscar uma rêde que se tornava precisa. A corrente, porém, avolumou-se de tal fórma, que arrastou a frágil embarcação, indo morrer os dois tripulantes no quebra mar, onde se afundou.

Os desgraçados, naturais da Murtosa, viviam, há muito, na praia de S. Jacinto.

A dolorosa cêna foi presenciada por bastante gente, mas ninguém poude valer aos infelizes. Pouca sorte.

Ranchos de Aveiro

—o—

Obteve ruïdoso sucesso, domingo, no Pôrto, a exibição do rancho *Tricaninhas da Mocidade*, que foi tomar parte num festival de beneficência.

A-pezar-de, no concurso, obter o 6.º prémio dos dez distribuídos, o público soube distinguir o elenco da nossa terra com manifestações de simpatia que muito o honram e elevam. Firmino Costa, a quem se devem os triunfos alcançados, deve estar desvanecido.

Tricaninhas da Mocidade sai ámanhã para Avelãs do Caminho e no próximo mês de setembro vai às Caldas da Rainha, onde se realizam grandiosos festejos para inauguração do monumento à rainha D. Leonor.

* * *

Em Vouzela também foi muito apreciado o grupo *Salineiras de Aveiro*, que teve de repetir alguns números do programa.

As suas danças e canções fôram igualmente apreciadas pelo grande número de pessoas que se reüniu em volta do pavilhão.

Quem dá providências?

=o=

Mais uma vez solicitamos de quem de direito para que se acabe com o improvisado mictório da Rua 31 de Janeiro, junto do velho casarão que foi quartel de Bombeiros.

Agora, com o sol ardente incidindo todo o dia por sôbre aquelas escorrências, permanentemente aumentadas pelos freqüentadores noturnos de uma locanda que lhe fica próximo, é de fugir e... tapar as narinas.

* * *

Também não é decente que se atirem para a antiga vièla do Correio certos embrulhos, cujo conteúdo, por mal cheiroso, põe em perigo a pituitária e as botas do transeunte incauto que por ali tenha de passar. Esses *pombos*, classificados pela giria académica coimbrã, têm pombal próprio...

Como se torna necessário velar pela higiéne e asseio da cidade, pedimos providências para que acabem os abusos por uma vez.

Teatro Aveirense

—o—

Como já dissemos é hoje à noite representada no nosso teatro a peça em 3 actos *Meu amor é traiçoeiro*... pela companhia Ilda Stichini-Alves da Costa.

Foi levada á cena, no domingo, em Coímbra, tendo agradado.

Festas Saletinas

Atingiram desusado brilhantismo as festas que em honra da virgem de La Salette se realizaram nos dias 10, 11 e 12, em Oliveira de Azemeis, onde foi muito apreciada a nossa Banda Regimental de que é chefe o sr. capitão Pereira Biscaia.

É CARO

As camionetes que fazem carreiras para a Barra e Costa-Nova elevaram os preços, cobrando por cada passagem 3$00 e 3$50. Contudo quem desejar ir a Macieira de Cambra, que dista daqui 53 quilómetros, paga 10$00; se formos a Coímbra, que são 65 quilómetros, pagamos 14$00 e se mais perto destinarmos ir — a Águeda — 22 quilómetros, custa apenas 4$00.

Ora o caminho que condus á Barra e Costa-Nova é todo plano. Por essa razão tudo que vai além de 2$00 e 2$50 é caro.

Digam o que disserem.

Crónica da Farolândia

Leitor paciente: aqui me tens por mandado imperativo de pessoa amiga. Sou o *cronista* (perdôem-me os manes dos nossos historiógrafos quinhentistas o uso de tal vocábulo) da Farolândia, nas páginas do *Democrata*!

Não vás, porém, imaginar, presumível leitor, uma colação em que te sejam servidas substânciosas e finíssimas iguarias. Não. Conta apenas com um condimento ligeiro e simples, sem apimentados de ironias picantes ou sarcasmos irreverentes e sem entumescências rubras de afirmações hiperbólicas.

A Farolândia — toda a gente o sabe — constitui-se um Estado independente, embora de criação mèramente subjectiva. Tem arrastado uma vida marasmática, da qual parece querer agora libertar-se, com o aparecimento da luz eléctrica, graças aos esforços e bôa vontade do sr. governador civil de Aveiro e do dr. Lourenço Peixinho. Já o ano passado fôra dotada com o magnífico edifício onde funciona a Assembleia, melhoramento êste que é uma das melhores concretizações das invulgares qualidades de tenacidade do mesmo aveirense ilustre que preside ao município de Aveiro. E, todavia, êstes dois utilíssimos e indispensáveis melhoramentos fôram inaugurados sùdamente, sumìlamente e sem que o corriqueiro alarde dum foguetório festivo ou os acordes clangorosos duma filarmónica, atestassem, aos presentes, o seu primeiro funcionamento!

Apenas, há dias, quando o sr. dr. Peixinho subia a bem lançada escadaria da Assembleia, a gente môça, que ali estava, o recebeu com uma esfusiante salva de palmas!

* * *

Nêste mês de agosto a Barra está pletórica!

Nem uma casa devoluto, nem um simples quarto, fóra ou dentre dos hoteis, está disponível para receber qualquer banhista da última hora!

Ainda hoje retirou para Espinho, por nem sequer ter um quarto, o sr. Acácio de Brito, rico proprietário de Lares (Beira Alta) e habitual freqüentador desta praia.

Já é.

* * *

De manhã, à hora do banho, a pequenada garrúla e irrequieta imprime à nossa praia um dinamismo alácre e colorido, que faz acudir à mente de muitas pessoas que é — a praia, por excelência, das crianças!...

E justifica-se esta preferência pelos benefícios que colhem para a sua saúde e até para a cura de certas doenças.

Além disso, há ainda o apetitivo dum ou outro *maillot* elegante, chamariz de vistas gulosas ou pela harmonía de linhas esculturais, que deixa transparecer, ou pela acentuação de fórmas avantajadas que impiedòsamente põem a descoberto.

A Farolândia está, pois, muito longe de merecer o apodo de *cemitério* que lhe grangeava o seu *facies* antigo de terra bisonha. Hoje há vida, há côr, há movimento...

A praia, embora muito reduzida, está completamente coberta de barracas vistosas de várias fórmas e feitios. Joga-se ali o *bridge*, o *mah jong*, charadas figuradas, provérbios-adivinhas, o prégo, o arco, o *hand-ball*, etc. *Flirta-se*, conversa se, fazem-se interessantes trabalhos de rendas e de malha e até se tesoura, embora ligeiramente, porque os principais cultores dêste *sport* aparecem com raridade, tendo os velhos quási desaparecido. Para mais, projectam-se várias excursões, à frente das quais está a da Vagueira, devendo-se seguir outra ao Furadouro para variar de paisagem.

Enfim: isto por aqui alegra e distrái. Pelo que sòmos sempre dos primeiros a cá chegar e dos últimos a saír.

Se gostámos tanto de tudo quanto a Farolândia possúi!...

IGNOTUS

As isenções do serviço militar ainda dão que fazer

Perante o Tribunal Militar Territorial compareceram ùltimamente o capitão do quadro de reserva Luís Catarino, o tenente do quadro colonial José Alhandra, dois segundos sargentos, um cabo-ferrador e um soldado clarim, que eram acusados, uns, quando tratavam das inspecções dos mancebos em Santarém e arredores, prometerem livrá-los em troca de dádivas; outros de servirem de intermediários para arranjar empenhos para a junta médica. Isto é: a eterna questão do livramento de mancebos da vida militar a tanto por cabeça, tal qual como sucedia em Aveiro e que nos levou a manter nêste jornal uma retumbante campanha contra essa ignóbil exploração, campanha que especialmente visou um tenente-médico miliciano, delegado de saúde do distrito, homem politico, político republicano e republicano democrático que por êsse facto teve de fechar a loja, acabando com o negócio...

Está claro — e dizemo-lo sem qualquer espécie de retraimento — que o lucro que de aí nos adveio foi de sacrifício. Mas, se não lucrámos nós, lucrou a sociedade que, devidamente elucidada por êste jornal, não mais acreditou em patranhas, passando a não ligar nenhuma importância aos tais *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democráticos* de tão triste memória.

E nós é o que se vê: cá estamos sem qualquer sombra de arrependimento, a assistir ao desmoronar duma vida toda cheia de imoralidades, de baixesas, de falta de escrúpulos.

O capitão Catarino e um dos sargentos ficaram condenados, enquanto os restantes réus saíram absolvidos por já ter prescrito qualquer procedimento disciplinar.

Necrologia

Deixou de existir, na penultima sexta-feira, Julio Mendes, a quem o abuso do alcool depauperou o organismo, atirando-o, por fim, para a sepultura.

Era solteiro e contava 43 anos.

* * *

Em casa de sua filha e genro, o sr. Francisco Augusto Duarte, á Avenida Central, terminou os seus dias, quarta-feira de tarde, o antigo armador sr. Francisco Maria de Carvalho, que d as antes uma hemorragia cerebral prostrara no leito.

A sua morte, a-pesar-de esperada a cada momento, impressionou quantos conheciam de perto as qualidades do honrado ancião a quem nada faltou até exalar o derradeiro alento, pois teve sempre á cabeceira quem lhe prodigalizasse todos os carinhos.

O seu funeral, com largo acompanhamento, realizou-se ontem da igreja da Misericórdia, onde tinha sido depositado o cadaver, para o cemitério central, organizando-se durante o percurso diversos turnos.

O extinto contava 83 anos, deixando viúva e três filhos: as sr.as

D. Maria Ávia Duarte de Carvalho e D. Cândida Duarte Peixinho, esposas, respectivamente, dos srs. Francisco Duarte e Jerónimo Peixinho e o sr. Arménio Duarte de Carvalho.

O Democrata apresenta a tôda a família enlutada o seu cartão de sentidas condolências.

* * *

Uma apoplexia tambem vitimou, no domingo, com 41 anos, Maria José Custodia Patarrana, que no dia seguinte foi sepultada no cemitério novo.

Deixou viuvo Manuel Gomes Patarrana e uma filha.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, João Anacleto, casado, de 49 anos e natural do concelho de Mertola; em *S. Bernardo*, Rosa dos Santos Joage, viuva, de 97 anos e em *Vilar*, Maria Rosa Marques da Silva, de 38 anos, vitimada por uma peritonite aguda e casada com Augusto Gomes Bastos.

Navio de pesca

Mais um lugre conta a praça de Aveiro, o qual foi adquirido pela firma *Indústria Aveirense de Pescado, L.ª* de que são societários os srs. João Ferreira, Américo Teixeira, José Corujo e Clemente da Silva para, no próximo ano, ir à Terra Nova arrancar o *fiel amigo* das profundezas do mar.

A nova unidade méde 55 metros de comprimento; 11 de bôca; pontal 530 e a sua tonelagem bruta é de 820. Excede, por isso, em tamanho, todas as outras, constando-nos que receberá, dentro em brève, o nome de *Maria Helena*.

Vida militar

Esteve esta semana em Aveiro, a-fim-de inspeccionar a instrução de Infantaria 19, o sr. brigadeiro Oliveira Gomes e respectivo ajudante, tendo recebido cumprimentos dos oficiais daquele regimento.

Retirou para o norte.

Exames

No Liceu de José Estêvão concluiram a 5.ª e a 7.ª classes, respectivamente, as meninas Maria Olívia Neto e Clelia da Conceição Neto, filhas do nosso amigo Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal.

Os nossos parabens.

Azas partidas

—o—

Próximo de Ovar, um avião que fazia exercícios de fogo, foi, na quinta-feira, destruído por uma bomba a 1.600 metros de altura, vindo a seguir, desfazer-se por completo no solo.

Era tripulado por o capitão Jorge de Figueiredo e o alferes aluno João Martins da Cruz, ambos casados, que em tão trágico desastre encontraram a morte.

Lamentâmos profundamente.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Ermelinda de Melo Cardoso; àmanhã, a sr.ª D. Maria Madalena F. da Fonseca, prendada filha do sr. António Ferreira da Fonseca e o sr. António Pinto de Gusmão Calheiros, gerente da filial da Vacuum Oil Company*; em 19, o sr. dr. José Vieira Gamelas, hábil clinico local; em 20, o sr. capitão João Abel Rebocho Vaz; em 21, o sr. Jeremias Vicente Ferreira e o filho Carlos do sr. Luís Vicente Ferreira; em 22, a sr.ª D. Joana Virgínia Luísa Pinto da Rocha e Cunha, dilecta filha do sr. Silvério da Rocha e Cunha. capitão de Mar e Guerra e em 23, o sr. Francisco dos Santos Silva, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil).*

Partidas e Chegadas

A passar a estação calmosa encontram-se entre nós a sr.ª D. Balbina Pereira Simões, residente em Caneças; Manuel Gonçalves da Madalena, empregado em Lisboa e a sr.ª D. Urbilia Souto Ratola Amaral e Francisco Lopes Oleastro, professores, respectivamente, em Cabanões (M. de Cambra) e Àgueda.

—De visita também aqui estiveram os srs. major Joaquim Augusto Geraldes, da G. N. Republicana de Coimbra e tenente José Nogueira da Costa Branco, de Caçadores 2, de Lisboa.

—Foi êste ano passar alguns dias a Macau, seu torrão natal, o nosso particular amigo, sr. A. Silvestre de Jezus, guarda livros duma importante casa de Shanghaï e que, há anos, nos deu, por esta época a satisfação da sua visita, da qual conservamos grata lembrança.

— Na quarta feira tivemos o gosto de abraçar nesta Redacção o sr. José Maria dos Santos Carvalho que, com sua esposa, aqui veio passar alguns dias, sendo hóspede de seu cunhado, o sr. Domingos Vilaça.

— Também aqui se encontra a passar algum tempo o sr. Custódio Marques Pitarma, considerado industrial em Sacavem, onde há muitos anos exerce a sua actividade.

—Com destino à Bruxelas, aonde o chamam os seus negócios, partiu ante ontem o nosso amigo Américo Carlos Gomes Teixeira, activo industrial e sócio da fábrica e lixa Lusostela.

Praias e Termas

Com suas familias encontram-se a veranear na Costa Nova os srs. José Augusto Martins Taveira e Manuel Marta, residentes nesta cidade; José Nunes Guerra, escrivão de Direito em Soure e João de Oliveira Frade, professor oficial em Fafe.

— Para Espinho seguiu, com sua esposa e gentis filhas, o sr. Raul Martins Leite, inspector escolar dêste distrito.

— Regressou do Gerez o sr. João José Trindade, da importante firma Trindade, Filhos, *desta cidade.*

Doentes

Em busca de alívios para os seus padecimentos seguiu para o Caramulo o sr. Francisco Pereira de Melo Júnior, ajudante no consultório dentario do dr. Pompeu Cardoso.

— Continúa bastante doente o sr. José Ferreira Neves, pai dos srs. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão e Severiano F. Neves, que em Esgueira exerce o magistério primário.

— A esposa dêste nosso amigo, a sr.ª D. Carmen de Seabra F. Neves, que, como noticiámos, se encontra também doente, em Eirol, onde é professora, tem experimentado ùltimamente algumas melhoras.

— Já se acha quási restabelecido da grave doença que o acometeu, o filho José, do nosso amigo João Ramos, da Foto-Moderna*, da Rua Coimbra.*

Desejamos o restabelecimento de todos.

A ronca em perigo

—o—

O mar, encapelando-se esta semana, investiu de novo com a casa da ronca que, na Barra, avisa a navegação em dias de nevoeiro, ameaçando destruí-la.

Por precaução foi de lá tirada tôda a aparelhagem.

Agradecimento

A família do falecido Carlos Correia da Costa torna público o seu agradecimento à Associação H. dos Bombeiros Voluntários e a todas as pessoas que acompanharam ao cemitério aquêle extinto.

Para todos o seu reconhecimento.

Aveiro, 15 de Agosto de 1935.

Secção desportiva

CAÇA

Está prestes a saír uma nova lei de caça.

De minha vontade e de muitos outros caçadores seria que a reünião em que falei mo número anterior se realizasse antes disso. Vejo, porêm, que é impossível. Paciência. Ficará para depois.

Em jornais de Águeda apareceram opiniões diversas sobre a orientação que a Comissão Venatoria daquele concelho dá a todos os assuntos sujeitos à sua autonomia. Uma, porêm, me agrada extraordináriamente: a do semanário *Independência de Águeda*. Vê-se, mesmo sem se ser caçador, que quem tais razões apresenta, sabe escrever, é dotado de bom espírito de observação e, sobre tudo, é caçador.

A caça às rôlas, além de 1 quilómetro do litoral e antes do dia 15 de Agosto, é uma das maneiras de contribuír para que desapareçam, sem se saber como, e sem sequer se verem num cinto, as espécies de caça indígena.

Não concordo com a abertura da caça por espécies; e nem mesmo para as rôlas abriria excepção. É preferível que em Portugel se não mate nenhuma a que se mate uma única perdiz no tempo do defêso, como pela leitura dos jornais vejo já se fez em Águeda. De que serve, neste caso, o parque de repovoamento?

Agueda, bem sei, tem muitos caçadores; mas como todos os concelhos, tem também *assassinos e comedores de caça*.

A transigência da Comissão Venatoria daquele concelho, perdoando as multas com receio de encargos de consciência, e na presuação de que os prevaricadores sintam remorsos que os atormentem, não voltando a comenter mais faltas, é de uma ingenuïdade pasmosa. Até os ossos de Landiù tremem na perspectiva de voltarem e êste mundo e vêrem perdoados os crimes do seu dono, sob a promessa de não cometer mais nenhum homicídio.

Pobre Landrù!

Pobre caçador de Águeda, que tantas noites passou em claro com remorsos de ter assassinado uma perdiz e conseqüentemente a ninhada, em pleno defêso! E abençoada Comissão Venatoria, que tem a entrada garantida no ceu, se Santo Huberto disto não tiver conhecimento!

Felicito a *Independência* pelo colaborador que tem. Não o conheço; mas tenho a certeza de que é um caçador da velha guarda, um Baptista de Sá, não na idade, talvez, mas nos conhecimentos.

Quanto ao colaborador *do Águeda*, lamento o preço a que chegou, este ano, a carne de vaca, o que originou a sua apologia pelo consumo da *carne de rôla*...

Abertura da caça por espécies

É muito prejudicial para a caça que ainda se conservar no defeso.

Mau critério também é o da Comissão Venatoria concelhia que antecipa a abertura de qualquer espécie de caça na sua zona, pois além de outros inconvenientes, tem, pelo menos, o de assistir a uma hécatòmbe. proveniente da aglomeração de outros caçadores estranhos por lhes não ser permitido caçar na sua região.

A. C. J.

Natação

Nas provas realisadas na Figueira da Foz, em 11, 12 e 13 do corrente constatou-se que o *Sport Club Beira-Mar* conseguiu, por intermedio dos seus nadadores apenas 2.os e 3.os lugares, em seniors. Só os infantis é que arrancaram o 1.º e 2.º lugares, salvando, assim, a honra do convento...

Por estes resultado concluimos que não é só a falta de piscina que se faz sentir, mas tambem a falta de *alguem* que, com a sua experiencia e longa prática, contribua para os triunfos que o popular club do bairro piscatorio alcançou, em épocas sucessivas, na Figueira, no Porto, em Vigo, etc.

A atestar essas tardes de glôria temos os numerosos trofeus que marcam uma época e constituem orgulho para quem, durante anos sucessivos, trabalhou por amor á causa.

R.

"O Democrata"

ASSINATURAS

(Pagamento adeantado)

Portugal (ano)	20$00
Semestre	10$00
Colonias (ano)	30$00
Estrangeiro (ano)	40$00
Numero avulso	$30

ANUNCIOS

Na 1.ª pagina, linha	1$50
Na 2.ª » »	1$00
Na 3.ª »	$80

Permanentes, contracto especial.

Correspondencias

Oliveirinha, 15

Faleceu na sexta-feira da pretérita semana Maria dos Santos, viúva, há 16 anos, de Manuel de Almeida Vidal Júnior e residente no lugar da Moita. Tinha 62 anos, deixando uma única filha casada com o sr. Manuel Ferreira Catão, a quem enviamos os nossos sentidos pêsames.

O funeral da extinta, que toda a freguesia estimava por ser disso merecedora, foi assaz concorrido, tendo-se nêle encorporado, àlém das irmandades, muitas outras pessoas que justamente a pranteavam.

Descanse em paz.

C.

Barra, 12

O assunto de que nos vamos ocupar é daqueles que se impõem, pois se trata das condições higiénicas desta praia.

Na verdade, a Barra, poderia conquistar o melhor lugar entre as praias suas congéneres, mas — triste é dizê-lo — não tem quem por ela se interesse.

Pertencendo administrativamente ao concelho de Ílhavo, êste olha, porém, de preferência para a Costa Nova, que requer, justificàdamente, os seus melhores cuidados, como se está vendo e não é segredo para ninguém. E assim a Barra fica em segundo lugar na questão de higiene, como na limpeza, como em tudo.

Há aqui um pôço, junto à estrada, donde muitas pessoas se abastecem de água para uso doméstico. Pois à sua volta ainda se não deixou de lavar roupa suja a-pezar-do sr. sub-delegado de saúde, dr. José Rito, ter proïbido terminantemente êsse abuso, para lhe não chamarmos coisa pior.

Não póde ser. O que aqui se está passando nem honra nada a praia, nem condiz com os tempos de agora. É preciso que se tomem providências, seguindo-se outro rumo, no qual entrem também o acondicionamento e condução das carnes verdes.

— A colónia infantil dessa cidade, êste ano, prima pela sua instalação e direcção.

Gostòsamente o registâmos ao louvar, mais uma vez, os amigos das criancinhas pelo carinho e desvelo com que são tratadas.

C.

Esgueira, 14

O *Recreio Musical* vai festejar nos dias 24, 25 e 26 do corrente o seu 8.º aniversário, organizando vários números para solenizar aquela data. Haverá, além de outras diversões uma sessão cinematográfica, concurso de tranjos regionais, baile e um jantar de confraternisação.

—Continuam com grande actividade os trabalhos de desassoreamento do nosso esteiro o que representa um grande benefício.

— Com sua esposa encontra-se entre nós a passar as presentes férias o sr. dr. Anselmo Taborda, juiz de Direito em Mafra.

— Deu ontem á luz uma menina a esposa do nosso amigo Manuel Nunes Morgado, industrial de panificação em Sacavem.

Mãi e filha estão bem.

— Realisou-se hoje no largo da nossa igreja uma sessão comemorativa da batalha de Aljubarrota, tendo usado da palavra os srs. professor Luís H. Pinheiro, que leu a exortação do presidente do ministério; António Joaquim de Pinho, presidente da Junta de Freguezia; Luís Cerqueira, director do Colégio Nacional de Aveiro e dr. Querubim Guimarães, que num brilhante improviso dissertou sobre êsse acontecimento que a História regista em letras de oiro.

Assistiram muitas creanças das escolas e outras pessoas que aplaudiram os oradores e aclamaram os srs. General Carmona e doutor Oliveira Salazar.

C.

Agradecimento

A familia do falecido Narciso dos Santos Silva agradece por êste meio às pessoas que o acompanharam à última morada ou lhe manifestaram o seu pezar, quer pessoalmente, quer por escrito.

A todas se confessa reconhecida.

Aveiro, 15 de Agosto de 1935.

O Democrata *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*